

LUX FILM DAYS

3 FILMES
24 LÍNGUAS
28 PAÍSES



© Benedict Neuenfels

STYX

um filme de Wolfgang Fischer
Alemanha, Áustria



Parlamento Europeu

STYX

UM FILME DE WOLFGANG FISCHER

Rike, na casa dos quarenta anos, decidiu fazer uma pausa na sua carreira de médica das urgências para chegar à ilha de Ascensão a bordo do *Asa Gray*, um veleiro de que cuida com grande desvelo. Viaja sozinha e a sua odisseia para alcançar o Atlântico Sul anda a par de uma viagem interior que a conduz ao seu íntimo mais profundo. A bordo, partilha o seu tempo entre o leme e os livros que levou consigo, como *A Criação do Paraíso*. *Darwin na ilha de Ascensão*. Fascinada pela vegetação luxuriante e variada que abunda numa ilha que permaneceu deserta até ao final do século XIX, aguarda com expectativa visitar este éden artificial, criado de raiz com base nos conselhos do célebre naturalista britânico.

Mas, numa noite, o destino vem criar a confusão e alterar o rumo dos acontecimentos. Sob a forma de uma violenta tempestade, põe na rota de Rike, a nordeste das ilhas de Cabo Verde, um velho barco de pesca à deriva com uma centena de migrantes a bordo e que fazem sinais desesperados na sua direção. Em vão, tenta estabelecer contacto via rádio com a embarcação. Depois, alerta a guarda-costeira, que demora a reagir apesar dos seus repetidos apelos. Doravante, sozinha perante a obrigação moral de socorrer estes migrantes, mas incapaz de os acolher a bordo do seu pequeno veleiro, Rike encara ainda com mais dificuldade a sua impotência por saber que representa a esperança aos olhos deles. Dividida entre o desejo de os ajudar e a necessidade de se afastar, a jovem mulher vê-se confrontada com um dilema trágico e, por fim, só conseguirá salvar um passageiro: um adolescente de catorze anos chamado Kingsley.

CONTEXTO

Ao criar este trágico frente a frente, o realizador Wolfgang Fischer cristaliza, sob a forma de uma fábula alegórica, o afastamento irredutível entre uma Europa opulenta e um continente africano vítima da pobreza ou da instabilidade política, com tudo o que isso implica de carências, de violência, de injustiça e de perseguição. O filme parece, aliás, fazer uma pergunta fundamental: que podemos fazer, individualmente, perante uma situação dramática como esta, quando as autoridades competentes e os poderosos optam, de forma deliberada, por a ignorar?

A ideia desenvolvida por *Styx* constitui um elemento essencial de uma questão premente da atualidade, marcada, entre outros, por um aumento da xenofobia e dos nacionalismos europeus: a Itália, a Áustria e os países do Grupo de Visegrado (Hungria, República Checa, Polónia e Eslováquia) mostram-se, agora, relutantes em acolher os migrantes no seu território, como o comprovam, nomeadamente, as recentes decisões de bloquear o acesso aos portos. Após uma crise migratória sem precedentes, que atingiu o seu apogeu em 2015, os dirigentes da União têm, agora, de enfrentar uma crise política que opõe uma Europa aberta a uma Europa fechada para resolver a questão do acolhimento dos migrantes.

A ORIGEM DAS ESPÉCIES

Situada no Atlântico Sul, ao largo do continente africano, Ascensão é uma pequena ilha vulcânica, visitada em 1836 por Charles Darwin, que termina então uma expedição à volta do mundo a bordo do *Beagle*. Chocado pela desolação deste local desprovido de água doce e de qualquer vegetação, fala dele ao botânico Joseph Hooker, que se dedicará a reflorestar a ilha, plantando todo o tipo de árvores e plantas provenientes da Europa, da Argentina e da África do Sul. O objetivo é restabelecer o ciclo da água e a qualidade do solo e, trinta anos mais tarde, o desafio está ganho. No filme, é esta experiência bastante singular que parece fascinar Rike, como indicam a escolha do seu destino e a leitura de *A Criação do Paraíso*. *Darwin na ilha de Ascensão*, um livro ilustrado, com um título emblemático, cuja capa é filmada em grande plano pela câmara, bem como o nome do seu veleiro. Botânico americano, *Asa Gray* (que dá o nome ao barco de Rike) é, com efeito, um fervoroso admirador de Darwin, a quem fornecerá informações úteis para a redação de *A Origem das Espécies* e cujas ideias divulgará nos Estados Unidos da América.

Por conseguinte, compreendemos que todos estes pormenores têm importância e não podemos deixar de mencionar o prólogo do filme, que se inicia com as movimentações de grandes macacos no rochedo de Gibraltar, único local da Europa onde duzentos e cinquenta macacos de Barbary vivem, efetivamente, em estado selvagem. Ora, sabe-se que os primatas são um elemento central das investigações sobre a origem das espécies realizadas por Darwin no século XIX. A forma como o realizador do filme justapõe a montagem da imagem de um primata a comer, utilizando os mesmos gestos que um ser humano, e de Rike a armazenar provisões para a sua viagem marítima leva-nos, de alguma forma, a estabelecer este parentesco e assim, indiretamente, a pôr em questão a suposta inteligência superior do Homem em relação ao resto do mundo.

A CRIAÇÃO DO PARAÍSO

Deste modo, somos naturalmente levados a refletir no sentido geral dessas referências longínquas integradas no contexto de uma História Contemporânea baseada no encontro-choque de dois universos diferentes, ou seja, de um lado, uma sociedade ocidental voltada para a sua riqueza e a sua qualidade de vida, egocêntrica, mesmo indiferente em relação ao resto do mundo e, do outro, a comunidade dos migrantes a lutar pela sua sobrevivência. É este o terreno da alegoria como discurso de símbolos narrativos que nos permite abrir caminho para a interpretação.

A «criação do paraíso» evocada na capa do livro de cabeceira de Rike dá-nos uma primeira pista. É revelador, com efeito, que a sua expedição solitária tome, de algum modo, a forma de um regresso ao jardim do Éden ou «Paraíso terrestre» e, portanto, às origens do mundo tal como são descritas no Génesis. Desde o início do filme, antes mesmo de Rike seguir viagem, a responsabilidade do Homem pelo estado do mundo está, pois, confirmada, o que permite afastar rapidamente os conceitos de flagelo ou de fatalidade na interpretação dos acontecimentos que se seguirão. Por conseguinte, podemos ver nestas ligações uma forma de criticar a maneira como o acolhimento dos migrantes é encarado em alguns países. Neste contexto, as referências à «criação do paraíso» na ilha de Ascensão serão, sem dúvida, interpretadas como um sinal de que se podem encontrar soluções humanamente viáveis e benéficas para todos nas situações mais desesperadas.

Então, por que razão nos resignamos a aceitar a ordem do mundo tal como ela é? Por força de que princípio consideramos normal beneficiar das melhores condições, enquanto outros, bem menos favorecidos do que nós, são levados a morrer de forma atroz, procurando desesperadamente salvar a sua vida? É, sem dúvida, esta a questão essencial sublinhada no filme de Wolfgang Fischer por meio de todas estas alusões.

Por outro lado, e sem dúvida de forma mais prosaica, a impotência de Rike para socorrer os passageiros do velho barco de pesca à deriva — embora evoque as possibilidades limitadas que temos de agir individualmente e reforce, de alguma maneira, a ideia de fatalidade que rodeia o desaparecimento trágico de milhares de migrantes no mar — é, em primeiro lugar, uma forma de ilustrar a falência geral do sentido moral coletivo. Quando numa primeira conversa via rádio entre Rike e o capitão de um navio de carga, imediatamente antes da tempestade, este lhe garantira que podia contar com a sua ajuda, algumas horas mais tarde, recusa intervir, invocando a potencial perda do seu emprego, pondo, assim, o interesse pessoal acima do dever de prestar assistência no mar, definido na Convenção SOLAS de 1974. Além disso, é igualmente uma forma de realçar as lacunas da política de acolhimento, entre outras nos seus dispositivos mais concretos, visto que a guarda-costeira, apesar de ter uma missão de segurança civil no mar, se obstina a não reagir às informações alarmantes que Rike lhe transmite via rádio.

AS ÁGUAS DO INFERNO

Ora, a procura do paraíso que se encontra no cerne do projeto de Rike e dos migrantes, mesmo que não seja a mesma realidade nem tenha o mesmo sentido para estes, é anunciada no próprio título do filme como uma utopia extraordinária, visto que o termo «Styx», com fortes conotações infernais, remete à mitologia grega, que designa um dos cinco rios dos infernos e marca a fronteira entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos. Evocando sem ambiguidade o drama que se seguirá, o título escolhido pelo realizador lança, do início, um véu sombrio sobre toda a história

e deixa adivinhar o trágico desfecho, antes mesmo de se verem as primeiras imagens. O contraste evidente que emerge destes conceitos de paraíso sonhado e de inferno bem real, tanto para os migrantes à deriva quanto para a jovem alemã impotente para os ajudar, parece, portanto, conter uma forte intenção de denunciar, por meio desta fábula alegórica, ao mesmo tempo a inércia política perante uma situação extremamente preocupante e a indiferença generalizada dos cidadãos ocidentais perante uma problemática longínqua e abstrata, na sua opinião, enquanto não se encontrarem fisicamente confrontados com ela. Neste contexto de interpretação, a guarda-costeira que intervém no fim do filme torna-se, de certa forma, o barqueiro da morte à imagem de Caronte, o barqueiro dos Infernos encarregado de atravessar o Styx com as almas dos defuntos, transportando de uma embarcação para outra muito mais cadáveres do que sobreviventes.

Por fim, no âmbito desta interpretação, podemos associar Rike a Styx, a mais velha das Oceânides que personifica o rio epónimo. Ninfas aquáticas, também elas pertencentes à mitologia grega, exercem sempre um papel benevolente e são encarregadas por Zeus de zelar pelos rapazes e de os orientar até à idade adulta. Esta referência lança, evidentemente, uma luz especial sobre a relação que se estabelece entre a médica e o jovem Kingsley, o único migrante que conseguirá salvar, mas também sobre o infeliz papel, alheio à sua vontade, que desempenhará no destino trágico dos seus companheiros de fortuna. Não é, sem dúvida, por acaso que, no fim do filme, depois de Rike ter finalmente entrado no porão do barco à deriva durante a noite e descoberto todo o horror da situação, vemos em grande plano o seu rosto totalmente envolto num pano escuro que só deixa ver os olhos. Além de ser um meio de a proteger de uma potencial contaminação, é, com efeito, difícil não ver neste equipamento mostrado com uma certa insistência uma analogia com o capuz utilizado pelo barqueiro Caronte quando transportava as almas dos mortos para o outro lado do Styx.





© Benedict Neuenfels



© Benedict Neuenfels



© Benedict Neuenfels



© Benedict Neuenfels

ALGUMAS PISTAS DE REFLEXÃO

- O filme *Styx* está verdadeiramente dividido em duas partes. Existe, com efeito, um *antes* e um *depois* da tempestade que dura toda a noite. No âmbito da nossa interpretação alegórica, que poderia dizer sobre esta tempestade? Que representa? Podemos vê-la como uma alusão a um outro episódio mitológico? Que sentido tem este acontecimento fortuito no contexto do filme?
- Por fim, a personagem de Rike, simples civil de férias, remete-nos para nós mesmos e para as nossas responsabilidades como cidadãos europeus. Que mensagem pensa que o realizador Wolfgang Fischer nos tenta transmitir e que espera ele de nós, em última análise?

les grignoux



O CINEMA EUROPEU PARA OS EUROPEUS

O Prémio LUX continua a acolher uma surpreendente diversidade de géneros e estilos através dos filmes de jovens realizadoras e realizadores europeus cheios de talento. O Parlamento Europeu tem a honra de apresentar os três filmes concorrentes ao PRÉMIO DO CINEMA LUX 2018:

STYX, filme de Wolfgang Fischer, Alemanha, Áustria

THE OTHER SIDE OF EVERYTHING (*Druga strana svega*), filme de Mila Turajlić, Sérvia, França, Catar

WOMAN AT WAR (*Kona fer í stríð*), filme de Benedikt Erlingsson, Islândia, França, Ucrânia

Os filmes abordam temas da atualidade, com ardor e inteligência, e refletem a situação que a Europa atravessa neste momento. Apresentam personagens que abrem os olhos para o mundo que as rodeia, a fim de compreender a realidade, bem como as sociedades e as comunidades a que pertencem. Mostrando as nossas histórias sublimadas pela emoção do cinema, a qualidade e a diversidade do cinema europeu são valorizadas, tal como a sua importância na construção de valores sociais e de comunidades culturais. Estão, assim, convidados a vê-los por ocasião da sétima edição dos DIAS DO CINEMA LUX.

PRÉMIO DO CINEMA LUX

A cultura desempenha um papel fundamental na construção das nossas sociedades.

Neste contexto, o Parlamento Europeu lançou o PRÉMIO DO CINEMA LUX, em 2007. Deseja, assim, contribuir para uma maior distribuição de filmes europeus por toda a Europa e incentivar um debate europeu sobre as grandes questões sociais.

O PRÉMIO DO CINEMA LUX é uma iniciativa excepcional. Enquanto a maioria das coproduções europeias é exibida apenas no seu país de origem e raramente distribuída noutros países, mesmo dentro da União, o PRÉMIO DO CINEMA LUX proporciona a três filmes europeus a rara oportunidade de serem legendados nas 24 línguas oficiais da União Europeia.

O vencedor do PRÉMIO DO CINEMA LUX será eleito pelos deputados ao Parlamento Europeu e anunciado em 14 de novembro de 2018.

DIAS DO CINEMA LUX

O PRÉMIO DO CINEMA LUX deu origem aos DIAS DO CINEMA LUX. Desde 2012, os três filmes concorrentes ao PRÉMIO DO CINEMA LUX são apresentados a um público europeu mais amplo durante os DIAS DO CINEMA LUX.

Os DIAS DO CINEMA LUX são um convite a viver uma experiência cultural inesquecível, que ultrapassa fronteiras. De outubro de 2018 a janeiro de 2019, poderá juntar-se aos cinéfilos de toda a Europa, assistindo à projeção dos três filmes numa das 24 línguas oficiais da União Europeia. Não se esqueça de votar no seu filme preferido no nosso sítio Web luxprize.eu ou na nossa página no Facebook!

MENÇÃO HONROSA DO PÚBLICO

A Menção Honrosa do Público é o prémio atribuído pelos espectadores no âmbito do PRÉMIO DO CINEMA LUX. Não deixe de votar num dos três filmes antes de 31 de janeiro de 2019! Terá, talvez, a oportunidade de assistir ao Festival de Cinema Internacional de Karlovy Vary, em julho de 2019, a convite do Parlamento Europeu, e de anunciar o título do filme vencedor da Menção Honrosa do Público.

VEJA,
DEBATA
E VOTE!



@luxprize



#luxprize

LUX
PRIZE
.EU

REALIZADOR: Wolfgang Fischer

ARGUMENTO: Wolfgang Fischer, Ika Künzel

ELENCO: Susanne Wolff, Gedion Oduor
Wekesa, Alexander Beyer, Inga Birkenfeld

DIRETOR DE FOTOGRAFIA: Benedict
Neuenfels

PRODUTORES: Marcos Kantis, Martin
Lehwald, Michal Pokorny

PRODUÇÃO: Schiwago Film GmbH, Amour
Fou Vienna

ANO: 2018

DURAÇÃO: 94'

GÊNERO: Ficção

PAÍSES: Alemanha, Áustria

VERSÃO ORIGINAL: Inglês, alemão

Original concluído em julho de 2018



